

ESTATUTO DAS FÓRMULAS ROTINEIRAS ENCABEÇADAS POR “COMO” PELO OLHAR DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL

Data de aceite: 02/10/2023

Diogo Oliveira da Silva

Doutorando em Linguística na
Universidade Federal de São Carlos
Programa de pós graduação em
Linguística
Bolsista CAPES

RESUMO: Esta pesquisa propõe a análise de fórmulas rotineiras encabeçadas pela conjunção *como* em exemplos do tipo *como se diz, como se chama, como é que é*, entre outros, a classificação de seu funcionamento por meio de um olhar linguístico funcional, com apoio da Gramática Textual Interativa – nas classificações funcionais de parentetização e descontinuidade sintática; e da Gramática Discursivo-Funcional, visando seu funcionamento nos níveis interpessoal, representacional e morfossintático, analisando seu funcionamento como subordinada ou independente a um contexto de inserção, de acordo com Dik (1981), Hengeveld e Mackenzie (2008) e Pezatti (2006, 2014).

PALAVRAS-CHAVE: Gramática textual interativa; fórmulas rotineiras; Gramática Discursivo – Funcional; parentetização.

STATUS OF THE ROUTINE FORMULAS HEADED BY “HOW/ AS” BY FUNCTIONAL LINGUISTICS LOOK

ABSTRACT: This research proposes the analysis of routine formulas headed by the conjunction *how/as* in examples of the type *as it is called, as it is said, as it is*, among others, and try to classify its functioning through a functional linguistic look, supported by Interactive Textual Grammar. - Functional classifications of bracketing and syntactic discontinuity; and Discursive-Functional Grammar, aiming at its functioning at the interpersonal, representational and morphosyntactic levels, analyzing its functioning as subordinate or independent to an insertion context, according to Dik (1981), Hengeveld and Mackenzie (2008) and Pezatti (2006, 2014).

KEYWORDS: Interactive textual grammar; routine formulas; Discursive Grammar - Functional; bracketing.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho, ainda em desenvolvimento para a dissertação de mestrado na área de análise e

processamento automático de línguas naturais, tem por objetivo, analisar as fórmulas rotineiras (costumeiras) encabeçadas pelo lexema *como* em exemplos do tipo como se diz, como se chama, como é que é, entre outros, e tentar classificar seu funcionamento através de um olhar linguístico funcional, com apoio da Gramática Textual Interativa – nas classificações funcionais de parentetização e descontinuidade sintática; e da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), visando seu funcionamento nos níveis interpessoal (pragmático) e representacional (semântico), englobando a formulação discursiva, e o nível morfossintático, analisando o caráter estrutural como subordinada ou independente a um contexto de inserção. Para isso, foi levantada a seguinte problemática, pelo viés funcional da língua portuguesa falada: Como é o funcionamento dessas estruturas encabeçadas por *como*? Sob quais funções pragmáticas elas atuam na sentença? Elas agem como estruturas independentes ou subordinadas ao enunciado? Para tentar responder essa problemática funcional, vimos na Gramática funcional, uma excelente ferramenta para as análises pragmáticas, entendendo os processos conceituais; semânticas, entendendo os processos contextuais; e morfossintáticas, entendendo os processos gramaticais.

Como hipótese, levantamos a seguinte possibilidade: estas estruturas tratadas como parentéticas (modelos de inserção - frases hóspedes) representam atos discursivos movidos por razões pragmáticas externas ao que é representado na codificação sintática, trazendo outros tópicos discursivos, representados e codificados nessas fórmulas rotineiras, o que geram novas significações e/ou complementos nas sentenças tratadas como completas, nas quais essas fórmulas são inseridas nas ocorrências abordadas. A análise através dos níveis de formulação e estruturação nos ajudará a entender como essas fórmulas funcionam, as possibilidades de uma descontinuidade sintática, suas implicações e motivações no discurso, adentrando na camada representacional e seu valor expressivo para seus usos, e com isso, seguiremos para a análise das significações pragmáticas, que resultam em atos discursivos, focalizando nossos estudos no nível interpessoal.

É esperado, ao final da pesquisa, alcançar dados classificatórios dos usos das estruturas linguísticas selecionadas de acordo com as funções operacionais da GDF, e dos conceitos de parentetização, voltado a um olhar da Gramática Textual Interativa. O alinhamento pragmático-semântico entrelaçado com a disposição morfossintática dessas estruturas ajudará a compreender suas funções, principalmente no nível interpessoal, alcançando assim, a hipótese do funcionamento como ato discursivo parentético dessas frases hóspedes, por motivações externas ao conteúdo da sentença. Com o andamento da pesquisa, foram levantados resultados, que serão esclarecidos no decorrer deste artigo, assim como foram apresentados e discutidos na apresentação do simpósio, com as devidas reflexões levantadas no evento.

2 | GRAMÁTICA FUNCIONAL: UM OLHAR QUE FUNCIONA

Como já mencionado, a Gramática Funcional nos servirá de ferramenta importante nessa pesquisa, pois nosso objeto – a língua falada - fornece dados formulativos e estruturais dessas estruturas selecionadas, permitido assim, olhar para a língua em atividade e entender, neste caso, os processos lingüísticos em relação a essas estruturas lingüísticas selecionadas pela palavra como e por sua função fraseológica. Faremos aqui, uma introdução sobre nosso aporte teórico. A Gramática Discursivo-Funcional nos auxiliará a entender esses processos, pois, segundo Pezatti:

A gramática discursivo-funcional (GDF) procura conciliar o fato patente de que as línguas são completamente estruturadas com o fato igualmente patente de que elas são adaptadas à função de instrumento de comunicação entre seres humanos. Dessa forma, o falante organiza suas expressões lingüísticas de acordo com a avaliação que elabora da informação pragmática do destinatário no momento da enunciação. (PEZATTI, 2014, pg. 10)

A camada do nível pragmático nos auxiliará no foco de entender as motivações e razões pragmáticas do falante para o uso das expressões lingüísticas. O nível representacional (semântico, englobando as funções semânticas presentes no nível de formulação) e o nível morfossintático (estabelece relação estrutural e fonológica) servirão também de base para entender os processos funcionais em nosso trabalho. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF se estrutura conforme quadro abaixo (Figura 1.):

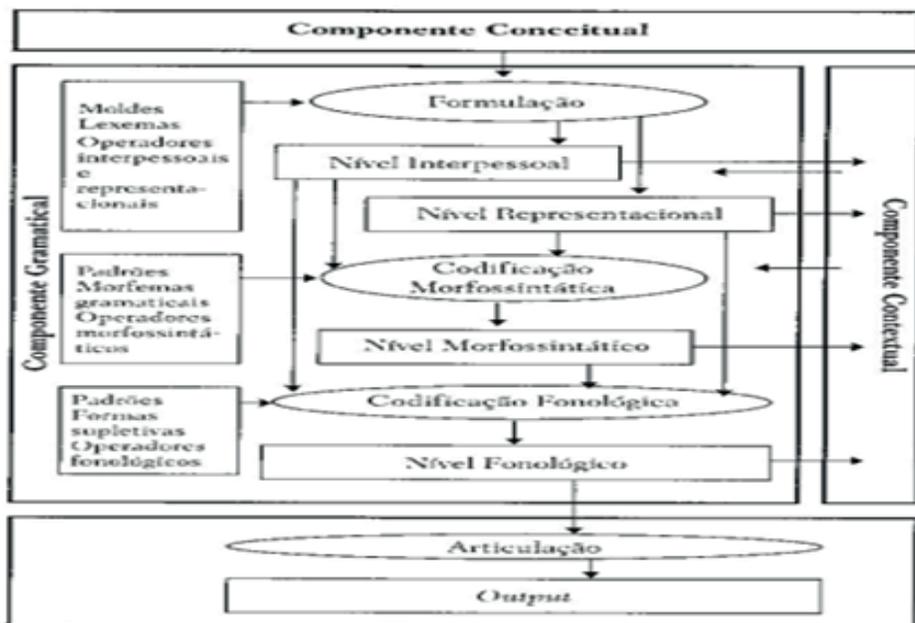


Figura 1. Quadro estrutural da GDF

Fonte: PEZATTI, 2014, p. 75

Na representação do nível interpessoal, temos o movimento – a menor unidade livre do discurso (Kroon, 1997 *apud* PEZATTI, 2014, p. 76), visto como uma contribuição autônoma para a interação contínua, constituído de uma ação introdutória ou modificadora de tópicos discursivos. Presente no movimento, o ato discursivo é visto como uma unidade básica do discurso, a menor unidade linguística presente no processo comunicativo, que envolve o falante, o interlocutor e um conteúdo comunicado. No conteúdo comunicado é formado por subatos, estes sendo formas de ação comunicativa do falante, podendo ser de atribuição (tentativa de o falante evocar uma propriedade) e/ou de referência (tentativa do falante de evocar um referente). Os atos discursivos expressam funções retóricas, que estão relacionadas aos modos ordenados dos componentes do discurso, modelados como estratégia do falante no ato comunicativo, buscando influenciar o destinatário a aceitar seus propósitos e intenções, sendo chamadas de funções retóricas, que podem ser: orientação, esclarecimento, concessão e motivação. Entraremos agora na GTI: Gramática Textual Interativa, que nos auxiliará, assim como a GDF o faz, na análise funcional interativa da língua falada.

2.1 Gramática Textual Interativa: uma interação que dá o que falar

Baseada em uma concepção pragmática de texto e de linguagem, a perspectiva teórica textual-interativa “*elege uma visão de linguagem como “forma de ação e de interação social”*” (JUBRAN, 2006a, p. 27), ou seja, ocorre a junção de aspectos textuais e interacionais: o interacional está inscrito no texto, tornando-se inerente a ele, se tornando um processo dinâmico de formulação textual e interacional. Para nossa análise, a grande importância da GTI se dá pela seleção do *corpus*: análise do texto falado – possui características discursivas não previamente planejáveis, apresentando rupturas de estruturas canônicas. Assim, a GTI nos auxiliará a entender as estruturas selecionadas em ação na língua falada através dos registros escolhidos pelo selecionador lexical como, dentro da conjuntura fraseológica sentencial. Outros pontos teóricos de grande importância são os conceitos de parentetização e a concepção estrutural de descontinuidade sintática, explanados a seguir.

2.2 Parentetização: um parêntese na fala

Hipótese importante para nossa análise, aqui usaremos a definição de Jubran (2006b) sobre essa ocorrência no nível frásico - uma modalidade de inserção tratada como breves desvios de um tópico discursivo corrente em um enunciado, que não afetam a coesão desse segmento. (Jubran, 2006b, p. 301-310). Para a autora, há duas modalidades de inserção em um segmento tópico: a primeira, como sendo de maior extensão, gerando assim uma outra centração dentro do segmento; e uma outra de menor extensão (parênteses). Os parênteses possuem propriedades que os identificam em dado segmento de inserção e são caracterizados por: 1) desvio tópico (analisando neste caso, a dimensão pragmática dos parênteses) e 2) as marcas formais de inserção parentética (sendo como critérios

de reconhecimento e delimitação de fatos parentéticos, estando presentes no segmento parentético e no segmento- contexto).

2.3 Formação dos parênteses

Segundo a autora, os parênteses possuem as seguintes constituições formais:

- (a) Marcadores Discursivos: perda de transparência semântica, como em entendeu? Claro? Voltando ao assunto, entre outras;
- (b) Sintagmas Nominais: o sintagma nominal pode ser precedido por um marcador discursivo, ou mais de um sintagma;
- (c) Frases Simples: frases curtas com predicação verbal ou nominal;
- (d) Frases Complexas: (orações justapostas ou ligadas por elos sintáticos e por marcadores discursivos);
- (e) Pares Adjacentes: par adjacente pergunta-resposta, estando no plano textual-interativo, por implicações entre atos de fala.

Os parênteses também ocorrerem em determinadas situações de fronteiras no texto, nos seguintes casos:

Classe	Foco	Funções
a	Elaboração tópica <ul style="list-style-type: none"> Conteúdo tópico Formulação lingüística Estrutura tópica 	a) exemplificação b) esclarecimento c) ressalva d) retoque e correção a) explicitação do significado de palavras b) indicação de mudança de registro c) verbalização da atividade formativa d) sinalização de busca de denominações e) solicitação de colaboração do interlocutor na seleção lexical a) marcação de subdivisões de um quadro tópico b) marcação de retomada do tópico c) marcação do estatuto discursivo de um fragmento do texto
b	Locutor	a) qualificação do locutor para discorrer sobre o tópico b) manifestação de interesse ou desinteresse pelo tópico c) indicação de desconhecimento do tópico d) manifestações atitudinais do locutor em relação ao tópico e) indicação da fonte enunciativa do discurso
c	Interlocutor	a) estabelecer inteligibilidade do tópico b) evocar conhecimento partilhado do tópico c) testar a compreensão do locutor d) instaurar convivência com o interlocutor e) chamar a atenção do interlocutor para um elemento do tópico f) atribuir qualidades ao interlocutor para a abordagem do tópico
d	Ato comunicativo	a) sinalização de interferências de dados externos ao ato comunicativo b) estabelecimento da modalidade do ato comunicativo c) estabelecimento de condições para a realização ou prosseguimento do ato comunicativo d) avaliação do ato comunicativo e) negociação de turnos

Figura 2. Classes e funções parentéticas

Fonte: JUBRAN, 2006b, p. 327

(a) Entre constituintes de frase (mantém a estrutura sintática entre E1 e E3);

(b) No limite entre duas unidades frasais (parêntese ocorre entre frases não conectadas sintaticamente, e sim, topicamente);

(c) Entre a primeira e a segunda parte de pares adjacentes (entre sentenças de pergunta e resposta entre os falantes);

(d) Entre segmentos textuais, com estruturas anacolúicas (corte sintático, não continuidade e inacabamento sintático de E1).

Jubran divide os parênteses em quatro classes, de acordo com seu foco funcional: classes A (foco na elaboração tópica), B (foco no locutor), C (foco no interlocutor) e D (foco no ato comunicativo). Cada classe engendra diferentes funções pragmáticas de acordo com sua atuação na sentença em que essa frase hóspede é inserida (Figura 2.):

Veremos a seguir, exemplos dessas classificações parentéticas nas ocorrências selecionadas. Não entraremos em muitos exemplos aqui, representando todas as classes,

funções e constituições formais, para não prolongar muito o trabalho.

3 | DESCONTINUIDADE SINTÁTICA

Estando geralmente presente com o termo *deslocamento sintático*, e estudada pela Gramática Funcional, a descontinuidade é definida “*como a não-contiguidade dos elementos linguísticos que, de outra forma, deveriam ser interpretados em conjunto*” (VELASCO, 2010, p. 412), sendo parte de uma unidade linguística cujos membros são interrompidos por material linguístico intermediário na sintaxe linear. A noção de descontinuidade sintática ajuda a compreender como as frases hóspedes em análise se comportam sintaticamente como uma interrupção à ideia, pensamento e até mesmo, o contexto da sentença, tida como completa e na qual essa descontinuidade desvia brevemente o sentido final, adentrando uma nova função, como vimos acima, funções parentéticas, divididas em classes de determinados focos interacionais. Nas ocorrências analisadas, veremos como essa descontinuidade atua, iniciando pela conjunção *como*.

4 | COMO ADVÉRBIO OU CONJUNÇÃO – “COMO” CLASSIFICAR?

Por que escolher essa conjunção para análise? No início da idealização da pesquisa, foi realizada uma investigação sobre trabalhos analisados pelo viés funcionalista em várias modalidades de expressões linguísticas. A escolha pelos fraseologismos veio desde trabalho de pesquisa na graduação, este pelo viés teórico da semântica formal e tendo como objeto principal de análise os provérbios e expressões idiomáticas (outras classes de fraseologismos). Como as fórmulas rotineiras passaram “um pouco batidas”, resolvermos seguir com este novo trabalho focando nessa categoria de fraseologismo.

As fórmulas rotineiras são expressões de interação social que reproduzem situações cotidianas, que demonstram polidez, educação social interativa e facilitam a comunicação. São utilizadas para saudar ou despedir (“bom dia/tarde”; “boa noite, até mais!”; “bom te ver!”), educação (“Deus te pague”; “bom apetite”) entre outras com *vários contextos diferentes* (“*meus pêsames*”; “*tudo bem?*”). Para entender nosso objeto selecionador como nessas expressões, aqui seguiremos suas definições a partir de Bechara (BECHARA, 2009, p. 287-330), entendendo as classes gramaticais a que tem sido relacionada – advérbio e/ou conjunção, e sua condição dentro de contexto de subordinação ou de coordenação. Como advérbio relativo, refere-se a unidades que estão postas na oração anterior, ou agem de modo absoluto, como em (a): *Como te disse ontem, não irei trabalhar mais lá*. Como advérbio interrogativo é usado em perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, modo, tempo ou causa *como em* (b): *Como (por que?) você fez isso?*. Na condição de advérbio comparativo, relata uma situação de igualdade, como em (c): *Falou tão alto como o irmão*.

As conjunções se dividem em coordenadas e subordinadas. As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se independentes uma das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados, visto em (a): *Pedro fez concurso para medicina, e Maria se prepara para a mesma profissão* e *Pedro fez concurso para medicina/Maria se prepara para a mesma profissão* se tornam duas orações independentes.

As conjunções subordinadas assinalam que a oração poderia ser sozinha em enunciado: se insere num enunciado complexo em que ela perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de palavra como em (b): *Soubemos que vai chover e _____ Vai chover*. Na modalidade causal indica causa, motivo, razão do pensamento (como = porque, sempre anteposta a sua principal) como em (c): *Como ia de olhos fechados, não via o caminho* [MA. 1, 19]. Como comparativa, pode ser assimilativa (assimila uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida), vista em (d): *O medo é a arma dos fracos, como a bravura a dos fortes* [MM]. Como quantitativa (compara na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos), atua como igualdade exemplificada em (e): *Nada incomoda tanto aos homens maus como a luz, a consciência e a razão* [MM]. Como conformativa, exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal, vista em (f): *Tranquelizei-a como pude*. [MA. 1, 174]

5 | ANÁLISES E RESULTADOS PARCIAIS

Para a análise, foram selecionadas cinco ocorrências do *Corpus Lusófono da Língua Portuguesa* falada, escolhidas entre quatro variedades de países distintos: Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Serão apresentados excertos com o surgimento de sentenças encabeçadas pelo *como*, tratadas como desvios tópicos, como parênteses. Faremos quatro tipos de análise visando entender o funcionamento pragmático dessas inserções. Primeiramente, tentaremos qualificar o lexema como dentro de uma perspectiva normativa e sua classe gramatical correspondente (advérbio ou conjunção subordinada ou coordenada). Depois, faremos a análise pelo olhar da GDF, analisando o caráter funcional no nível interpessoal, ou seja, investigando suas propriedades pragmáticas e retóricas, sua atuação como operador interpessoal em ação. Na perspectiva textual interativa, entraremos com a análise das funções parentéticas vistas em Jubran (2006b) e a da descontinuidade sintática (traremos duas elaborações das sentenças: a primeira tratada sem a interrupção do parêntese, e a segunda com a divisão e a inclusão do parêntese e sua alteração na ordem sintática).

5.1 Ocorrências – resultados parciais

Ocorrências (1) e (2)

[...] principalmente o, o homem de dentro mesmo, o sertanejo, ele conversa assim, (1) COMO estivesse discutindo, sabe (2) COMO É, ele gesticula muito, bate muito, não é, e. (Bra80: Bichinho)

(1)

Na gramática normativa, temos uma conjunção coordenada comparativa assimilativa, pois ocorre uma assimilação entre o sertanejo conversar assim e na sequência, ocorre uma coordenação entre “assim” e a descrição “como estivesse discutindo”. Para a GDF, ocorre a função retórica de esclarecimento – uma tentativa de esclarecimento da intenção do locutor, adicionando a nova informação “como estivesse discutindo”, além do operador interpessoal de aproximação – o locutor tenta aproximar o interlocutor de sua real intenção comunicativa. Nos conceitos de parentetização, temos uma frase simples, ocorrendo um esclarecimento (classe A – Elaboração tópica/conteúdo tópico), sob a inserção na fronteira entre constituintes de frase. O locutor procura, através do foco na elaboração tópica, esclarecer o modo que o sertanejo conversa. Para isso, o locutor utiliza uma frase simples para esclarecer sua intenção, estando esta frase inserida entre os constituintes da frase – entre a descrição do homem sertanejo e a explicação do modo que ele conversa, anteriormente referido por “assim”.

(2)

Temos a ocorrência de uma conjunção subordinada conformativa, na qual o parêntese perde sua independência como sentença em relação ao contexto, trazendo conformidade entre locutor e interlocutor. Pelo olhar da GDF, ocorre a função retórica de esclarecimento, com o operador interpessoal de aproximação: o locutor procura esclarecer sua intenção, buscando uma aproximação com o interlocutor em compartilhar a mesma idéia sobre o homem sertanejo. Na parentetização, temos o parêntese agindo como um teste de compreensão do interlocutor e instauração de convivência com o interlocutor (classe C – interlocutor), ocorrendo como fronteira entre constituintes de frase. Nesta ocorrência, o parêntese é inserido como uma frase simples com predicação verbal, entre os constituintes “como estivesse discutindo” e “ele gesticula muito”, mantendo a estrutura sintática entre E1 e E3, assim como no exemplo (1). Seguindo para o conceito de *Descontinuidade sintática*, temos em (1) e (2):

Sentença contínua dividida em três segmentos: (A) [...] principalmente o, o homem de dentro mesmo, o sertanejo, (B) ele conversa assim, discutindo, (C) ele gesticula muito, bate muito, não é, e.

Sentença interrompida pelo parêntese: (A) [...] principalmente o, o homem de dentro mesmo, o sertanejo, (B) ele conversa assim, (D) como estivesse discutindo, (E) sabe como é, (C) ele gesticula muito, bate muito, não é, e. [A,B [[D],E,C]]

D = Descontinuidade por interrupção (interrompe a sequência B,C)

E = Descontinuidade por cerco (D e C cercam E)

Ocorrência (3)

[...] bom, como pequena empresária *que sou*, eh, bom, é, eh, (3) COMO DIZER, em princípio, há dificuldades, mas também exige muita coragem. como mulher que sou, eh, ter essa decisão de, de formar essa pequena empresa e empregar pessoas e trabalhar ao público para pessoas (To-Pr96: Costureira)

Na gramática tradicional, ocorre a conjunção subordinada conformativa (há uma junção subordinada na qual ocorre uma conformidade entre elementos pragmáticos e semânticos dos segmentos – ser empresária e discorrer sobre essa posição) Pela GDF, vemos a função retórica Orientação e o operador interpessoal de aproximação na sentença: O falante orienta seu interlocutor, buscando uma aproximação entre sua experiência de vida em relação a ser uma empresária e mostrar isso ao interlocutor em seu discurso. Na parentetização, temos no segmento selecionado, um marcador discursivo - Qualificação do locutor para discorrer sobre o tópico (classe B – locutor), ocorrido na fronteira entre duas unidades frasais. O parêntese inserido quebra a sequência sintática entre as unidades, na qual ocorre uma mudança na sequência corrente: em E1 o falante se coloca em uma posição – empresária, e em E2 discorre sobre essa experiência qualificando-se como apta a falar sobre essas dificuldades em princípio. A descontinuidade sintática em (3) ocorre da seguinte forma:

Sentença contínua dividida em quatro segmentos: (A) [...] bom, como pequena empresária que sou, (B) eh, bom, é, (C) em princípio, há dificuldades, (D) mas também exige muita coragem

Sentença interrompida pelo parêntese: (A) [...] bom, como pequena empresária que sou, (B) eh, bom, é, (E) eh, como dizer, (C) em princípio, há dificuldades, (D) mas também exige muita coragem [A, B, [E], C, D]

E = Descontinuidade por interrupção (E interrompe a sequência B, C)

Ocorrência (4)

[...] sim. eh, dizem que a palavra “morna” nasceu de, do vocábulo “mourni[...]”, “mourning”, eh, quer dizer que as pessoas que, que cantavam não cantavam, quer dizer, eh, sabe que às vezes quando no[...], eh, [...], (4) COMO SE DIZ, na, quando, eh, aconteceu que morreu alguma pessoa (CV95: As Mornas)

Pela luz da gramática tradicional, há a ocorrência de uma conjunção subordinada comparativa. Há uma junção subordinada, ocorrendo uma comparação entre a idéia expressa entre o segmento anterior - explicação inicial sobre o vocábulo “morna” e o segmento a seguir – explicação final comparada à explicação anterior de uma situação que teria originado o vocábulo. No olhar funcional da GDF, temos em ação a função retórica de esclarecimento, com a articulação do operador interpessoal de mitigação, ou seja, o falante procura esclarecer sua intenção em explicar sobre a origem do vocábulo “morna”, buscando, pela inserção do parêntese, uma mitigação pra explicar-se (o falante busca uma espécie de origem desse vocábulo, ou seja, ele se preserva, salvaguarda-se, no sentido de explicar “dizem assim”, nessa tentativa de buscar a palavra que “está na ponta

da língua”). Nos modelos parentéticos, o excerto selecionado caracteriza-se como uma frase simples, trazendo a sinalização de busca de denominações (classe A – Elaboração tópica/formulação linguística), dentro da fronteira entre segmentos textuais com estruturas anacolíticas. Vemos que, nesse caso, o falante rompe com a estrutura sintática anterior ([...] as pessoas que, que cantavam, não cantavam [...]), buscando um novo segmento, com uma nova explicação sobre o tópico, sinalizando uma busca pela denominação para explicar sobre o tema corrente. A descontinuidade sintática em (4) ocorre conforme a seguir:

Sentença contínua dividida em quatro segmentos: (A) [...] sim. eh, dizem que a palavra “morna” nasceu de, do vocábulo “mourni[...]”, “mourning”, (B) eh, quer dizer que as pessoas que, que cantavam não cantavam, (C) quer dizer, eh, sabe que às vezes quando no[...], eh, [...], (D) aconteceu que morreu alguma pessoa

Sentença interrompida pelo parêntese: (A) [...] sim. eh, dizem que a palavra “morna” nasceu de, do vocábulo “mourni[...]”, “mourning”, (B) eh, quer dizer que as pessoas que, que cantavam não cantavam, (C) quer dizer, eh, sabe que às vezes quando no[...], eh, [...], (E) como se diz, na, quando, eh, (D) aconteceu que morreu alguma pessoa [A, B, C, [E], D]

E= Descontinuidade por interrupção (E interrompe a sequência C, D)

Ocorrência (5)

[...] há outra razão também que... fazem os jovens fazer um aborto que é – (5) COMO É QUE EU posso dizer? - o medo ao, a, a, o pânico perante as dificuldades econômicas. (GB95: Aborto)

Pela gramática tradicional, podemos ter as seguintes situações: um advérbio de base pronominal interrogativo (ocorre uma interrogação do próprio locutor a si mesmo), e também uma conjunção coordenada causal (a sentença parentética precede uma explicação – resposta sobre as causas do aborto entre as mães jovens). Pelo olhar da GDF, relatamos a função retórica orientativa, com o operador interpessoal de Foco no tópico do texto – razão do aborto. O falante busca orientar seu interlocutor a seguir seu raciocínio sobre o tópico corrente, focalizando no par adjacente pergunta-resposta o modo de explicar e orientar o interlocutor a compreender e seguir o raciocínio na resposta dada sobre a causa do aborto entre as mães jovens. Nos fenômenos da parentetização, temos um par adjacente, trazendo a função de verbalização da atividade formulativa (classe A – Elaboração tópica /formulação linguística), ocorrendo na fronteira entre a primeira e a segunda parte de pares adjacentes. Surge pelo parêntese, uma verbalização do falante em busca de como formular uma resposta para seu interlocutor, ou seja, há uma pausa para seguir com a formulação discursiva orientadora para a explicação da problemática do aborto. Na descontinuidade sintática presente em (5), dividimos da seguinte forma:

Sentença contínua dividida em três segmentos: (A) [...] há outra razão também que... fazem os jovens fazer um aborto (B) que é o medo ao, a, a, (C) o pânico perante as dificuldades econômicas.

Sentença interrompida pelo parêntese: (A) [...] há outra razão também que... fazem

os jovens fazer um aborto (B) que é – (D) como é que eu posso dizer? – (C) o medo ao, a, a, o pânico perante as dificuldades econômicas. [A, B, [D], C]

D = Descontinuidade por interrupção (D interrompe a sequência B, C)

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa tem ganhado cada vez mais apoio, satisfação no desafio de alcançar as classificações das estruturas selecionadas, pois durante o período de realização das disciplinas no mestrado surgem novas possibilidades de entender o universo linguístico funcional. Como vimos, nos resultados alcançados até aqui, podemos constatar a funcionalidade parentética como atos discursivos movidos por razões pragmáticas externas ao segmento corrente. Nas cinco ocorrências analisadas, podemos ver suas respectivas funções pragmáticas e retóricas do uso do falante em suas intenções para com o falante, ou seja, nesses atos discursivos parentéticos se enquadram adjuntamente, funções pragmáticas externas e complementares pela inserção da conjunção *como*: funções de esclarecimento, orientação, concessão e motivação, além dos operadores interpessoais pragmáticos da GDF. Outro dado importante analisado foi que, nas variedades selecionadas do português em que ocorreram essas inserções modalizadas por atos discursivos, concluímos que a parentetização ocorre e se adentra na oração falada de maneira descontínua com influência pragmática do falante de modo igual nas ocorrências selecionadas, independentemente da variedade.

Há a possibilidade de trabalhar com várias vertentes linguísticas de diferentes tipos de análise com o material aqui apresentado, como, por exemplo, análises etimológicas dessas estruturas, análises sob variantes regionais dessas ocorrências em vários países falantes de português, análises sincrônica e diacrônica, entre outras, para assim, afirmar com mais afinco, que podem ocorrer determinadas motivações particulares para cada variedade e seu respectivo país de origem. Até o presente momento, os estudos sobre gramática funcionalista têm contribuído para grandes avanços e possibilidades de enxergar a nossa língua de um modo mais criterioso, e curioso. Essa sadia curiosidade nos move e nos desafia a seguir nossos estudos com a certeza de encontrarmos novas surpresas e novas descobertas (ou redescobertas). Como diz o velho e conhecido ditado: quem procura, acha.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37ª ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 671 p.

CORPUS LUSÓFONO DA LÍNGUA PORTUGUESA FALADA. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. *Linguística de corpus do português falado*. Atualizado em 2010. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_portuguesfalado.php> Acesso em 18 de junho de 2019.

DIK, Simon. *Functional Grammar*. Dordrecht/Cinnaminson: Foris Publications, 1981. 230 p.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, John Lachlan. *Functional Discourse Grammar: A Typologically-Based Theory of Language Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008. 503 p.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. A perspectiva textual-interativa. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfield Villaça. (orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. I – Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006a, p. 27-36.

_____. Parentetização. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfield Villaça. (orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. I – Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006b, p.301-357.

PEZATTI, Erotilde Goreti. *A ordem das palavras no português*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 142 p.

_____. Erotilde Goreti. Panorama Geral das Teorias Funcionalistas. Goiânia: *Signótica Especial*, nº 2, p. 153-166, 2006. Disponível em: < <https://doi.org/10.5216/sig.v0i0.3644>>. Acesso em 19 de junho de 2019.

VELASCO, Daniel García. Discontinuity and displacement in a Functional Theory of Grammar. In: PROCEEDINGS OF A 34TH INTERNATIONAL AEDEAN CONFERENCE. Almeria, 2010. p. 412-420. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6977660>>. Acesso em 15 de junho de 2019.